

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS
2021**



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



2021

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1..... 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2..... 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3.....25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 438

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5.....53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 662

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISMO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

CAPÍTULO 13	151
LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA	
Saúl Mauricio Niveyro Linares	
DOI 10.37572/EdArt_29012127913	
CAPÍTULO 14	165
NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS	
Maria do Céu Caetano	
DOI 10.37572/EdArt_29012127914	
CAPÍTULO 15	175
APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vera Vasilévski	
DOI 10.37572/EdArt_29012127915	
CAPÍTULO 16	192
UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA	
Bruna Moreira de Souza	
DOI 10.37572/EdArt_29012127916	
CAPÍTULO 17	205
DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA	
Lícia Maria Bahia Heine	
DOI 10.37572/EdArt_29012127917	
CAPÍTULO 18	225
ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i>	
Ivonete da Silva Santos	
Maria Helena de Paula	
DOI 10.37572/EdArt_29012127918	
CAPÍTULO 19	240
PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA	
Magno Santos Batista	
DOI 10.37572/EdArt_29012127919	

CAPÍTULO 20	253
NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX	
Luma Pinheiro Dias	
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz	
DOI 10.37572/EdArt_29012127920	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	264
ÍNDICE REMISSIVO	265

CAPÍTULO 12

METÁFORAS EM LIBRAS

Data de submissão: 08/10/2020

Data de aceite: 24/11/2020

Walkíria Neiva Praça

UnB – Universidade de Brasília
Brasília- DF

<http://lattes.cnpq.br/7251034966753077>

Adriana Dias Sambranel de Araujo

UnB – Universidade de Brasília
Brasília – DF

<http://lattes.cnpq.br/8800147412920491>

RESUMO: As metáforas, em qualquer língua, são expressões calcadas na cultura do povo que as constroem, independentemente se é em uma língua falada ou uma língua de sinais. As metáforas são fruto de construções que envolvem dois ou mais domínios de conhecimento. Desta forma, o objetivo do presente estudo é analisar as metáforas construídas em Libras – Língua Brasileira de Sinais. A metodologia utilizada foi tanto qualitativa quanto quantitativa, por meio de análise de vídeos e entrevistas gravados com surdos que se dispuseram a colaborar com o estudo. Os resultados alcançados demonstraram que os aspectos visoespaciais

da Libras não só constroem metáforas, como também impactam nos aspectos gramaticais dessa língua de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Cérebro. Cultura. Metáfora. Libras.

METHAPHORS IN LIBRAS

ABSTRACT: Metaphors are expressions based on the culture of the people that build them in any language, spoken or sign language, being the result of constructions that involve two or more fields of knowledge. Thus, the objective of the present study is to analyze the metaphors constructed in Libras - Brazilian Sign Language. The methodology used was both qualitative and quantitative, through the analysis of videos and interviews recorded with deaf people who were accepted to collaborate with the present study. The results achieved demonstrated that the visuospatial aspects of Libras not only build metaphors, but also impact the grammatical aspects of this sign language.

KEYWORDS: Brain. Culture. Methaphor. Libras.

1- INTRODUÇÃO

Metáforas são construções linguísticas complexas que impõem a compreensão e

o entrelaçamento de vários domínios de conhecimento. Não basta identificar o léxico envolvido nelas, mas há que se estar inserido numa cultura a que elas fazem referência. A Libras – Língua Brasileira de Sinais usada por surdos brasileiros foi apontada como incapaz de construí-las. Demonstraremos que o que faz das metáforas algo complexo é a associação de domínios de conhecimento distintos entre si, sempre atrelados à cultura independentemente da língua utilizada. Por exemplo, a palavra doce está no domínio do paladar, sendo entendido como algo bom, mas pode ser transferido para o domínio do afeto no Brasil ou nos Estados Unidos. Para exemplificar, Ponterotto (1994) sugere expressões como *você é um doce*, em português; ou, em inglês, *you are sweet*, que são interpretadas como uma característica positiva da pessoa. Contudo, ainda segundo o autor, não se pode esquecer que, em japonês, doce é algo negativo, ruim, por isso metáforas do tipo *Aitsu-wa amai* significam o garoto é *imaturado, mimado*. Daí o entendimento de que os itens lexicais garoto e doce apontam para uma crítica à pessoa em questão, enquanto em língua portuguesa e inglesa denotam um elogio.

Assim, pode-se depreender que, para se decodificar aquilo que é expresso por uma metáfora, faz-se necessário estar inserido em uma cultura, pois as metáforas exigem interpretação e decifração e não podem ser traduzidas numa linguagem objetiva, tendo em vista que o significado criado por uma metáfora é sempre maior do que a soma de suas partes. As experiências culturais são únicas e resultam em um entendimento particular que extrapola o que foi dito. A cultura é a responsável pela internalização de padrões que são mediados por meio da nossa experiência vivida e compartilhada enquanto sociedade.

Cultura e metáfora serão tratadas separadamente neste estudo por fins didáticos, mas sem perder de vista que estão simbioticamente relacionados. Desta maneira, podemos afirmar que surdos e não-surdos, caso esteja preservada a capacidade cognitiva de ambos, são capazes de metaforizar dentro de sua cultura. Portanto, não só trataremos sobre as metáforas como uma habilidade cultural de qualquer língua, como também abordaremos acerca de algumas implicações gramaticais delas decorrentes nas línguas visoespaciais.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 2, abordamos o entrelaçamento entre metáforas e cultura, além dos tipos de metáforas identificados por Lakoff e Johnson (2003). Já na seção 3, discutimos as metáforas em Libras. Por sua vez, na seção 4, tratamos das implicações gramaticais da metáfora na Libras. A seção 5 é destinada às considerações finais.

2- CULTURA E METÁFORAS

Entre tantas expressões do pensamento, encontramos as metáforas. A linguagem figurada de uma comunidade é “*uma reflexão dos padrões convencionais do pensamento daquela comunidade ou de uma visão de mundo*” (BOERS, 2003, p. 256). Em outras palavras, uma das formas de uma comunidade refletir e reproduzir suas visões de mundo é por meio das metáforas, que, por sua vez, envolvem o arcabouço cultural de cada povo. Cultura é

Tudo o que é aprendido, transmitido, herdado de geração em geração, através das ações humanas, quase sempre se estabelece mediante uma interação corpo a corpo, usando para tanto uma comunicação linguística. A cultura se aprende dos pais e outros membros da comunidade, assim como várias formas materiais, como livros e programas de televisão. Não se nasce com uma cultura, sem que se tenha a habilidade de adquiri-la por meio de observação, imitação, tentativa e erro. (OSWALT, 1986, p.25)

Essa definição de Oswalt (1986) afirma que a cultura é aprendida dos pais e dos membros da comunidade. Observamos que este sentido nos faz refletir sobre os surdos terem geralmente perto de si pessoas que não compartilham com eles a língua de sinais. Desta forma, a interação corpo a corpo capaz de transferir as informações fica comprometida. Por isso é tão importante que os responsáveis por uma criança surda ofereçam a ela uma língua que se realize pelo canal visual, porque a língua, segundo Duranti (2000) é um recurso da cultura e a fala é uma prática cultural.

Além do conceito que apresentamos acima, trazemos vários outros defendidos por Duranti (2000), em virtude de haver controvérsias sobre as definições de cultura. Para o autor, a cultura pode ser definida como conhecimento de mundo, a partir do qual as pessoas de uma comunidade devem compartilhar certos modelos de pensamento, modos de entender o mundo, de fazer inferências e predições.

Outra definição proposta pelo autor apresenta a cultura como comunicação, ou seja, nela se encontra um sistema de signos. Esta é uma visão semiótica da cultura, uma vez que se preocupa com a forma de representar o mundo, um modo de dar sentido a realidade objetiva por meio de histórias, mitos, descrições, teorias, provérbios, produtos artísticos e espetáculos.

A cultura pode ser conceituada ainda como um sistema de mediação. As ferramentas seriam por definição objetos de mediação, pois se interpõem entre o usuário e objeto, entendendo-se objeto como qualquer coisa que os seres humanos utilizem para controlar o lugar onde vivem e produzem recursos. Por essa definição, os meios estão sempre *entre*: entre pessoas consigo mesmas (um pensamento); entre as pessoas e o tempo (guarda-chuva), entre as pessoas e os objetos físicos (um martelo) e até pessoas

entre si (um enunciado). A cultura organiza o uso das ferramentas para desenvolver atividades específicas como uma casa, ou o planejamento para o futuro.

Também pode ser definida como um sistema de práticas. Nossa compreensão abstrata, conceitual, teórica do mundo não existe, sem que se derive da nossa imersão em outros pressupostos existenciais, a partir dos quais pragmaticamente usamos os objetos ou experimentamos situações dentro de um determinado contexto.

O último conceito proposto por Duranti (2000) apresenta a cultura como um sistema de participação, que se relaciona como um sistema de práticas, e se baseia na suposição de que a comunicação verbal, como qualquer ação no mundo, é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa. Esta noção é útil para se observar o funcionamento da língua no mundo real, porque usar uma língua significa poder participar das interações com o mundo que é sempre maior do que nós, falantes individuais. Nesse sentido, mais uma vez, precisamos compreender a importância das línguas de sinais, pois somente este sistema pode garantir aos surdos a participação efetiva na sociedade em que vive.

Como vimos, a cultura é um assunto complexo, mas é fato que os surdos e não-surdos estão inseridos de alguma forma dentro de um contexto que os fazem generalizar, perceber o mundo em termos de protótipos, de experiências e ainda expressá-los, sendo a língua um dos aportes da cultura. Não se pode negar a relação entre cultura e língua. Segundo Duranti (2000, p. 28) *“conhecer uma cultura é como conhecer uma língua e descrever uma cultura é como descrever uma língua.”* Ressaltamos que a língua estabelece práticas discursivas entre indivíduos e grupos e com isso forma-se a cultura. Essa interação que se realiza por meio da língua é onde fica patente a cognição humana.

Por exemplo, se fecharmos os olhos, podemos pensar em qualquer objeto sem que para isso ele esteja perto de nós. Algumas informações guardadas na memória (cultura) são suficientes para que possamos representar tudo o que nos vem à mente (cognição), seja usando uma imagem, palavras ou mesmo internamente (língua), uma vez que podemos apenas pensar em algo sem necessariamente ter que expressar esse pensamento. A *“interação entre as construções linguísticas abstratas e palavras individuais concretas cria novas e poderosas possibilidades para construções de elementos derivacionais, analógicos e metafóricos”* (TOMASSELO, 1999, p. 157).

Sobre o viés metafórico, Lakoff e Johnson (2003), afirmam que:

... a metáfora não é apenas uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, os processos de pensamento humano são amplamente metafóricos. É isso que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceitual humano é metaforicamente estruturado e definido. Metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente

Uma expressão como *este copo* provoca o desenho, a imaginação dele na mente que será acessada entre o emissor e o receptor. Da mesma forma, as metáforas não são apenas estruturas individuais que se formam na mente dos falantes, mas antes se apoiam nos modelos culturais subjacentes ao discurso. Entendemos modelos culturais como a representação de visão de mundo de uma comunidade. Para Lakoff e Johnson (2003) seria errôneo pensar que a expressão *tempo é dinheiro*, por exemplo, seria interpretada do mesmo jeito em diferentes culturas.

Na cultura americana, o tempo é uma mercadoria valiosa. O dinheiro é um recurso limitado que usamos para atingir nossos objetivos. Sabemos que, na cultura ocidental, trabalho é pago com dinheiro, envolvido nisso o tempo que gastamos para realizá-lo que, por fim, é precisamente quantificado. É comum que alguns serviços sejam pagos por hora, semana ou ano. Então, dizer tempo é dinheiro pode se refletir na cultura de várias maneiras, como por exemplo: *“Você está gastando o meu tempo. Vamos investir muito tempo nisso. Obrigado pelo seu tempo. Fazer desse modo economiza tempo. Desperdicei meu tempo com esse trabalho”*. (LAKOFF e JOHNSON, 2003, p.50). O tempo passa a ser uma moeda valiosa. Nas sociedades industrializadas modernas, o tempo se registra como algo que podemos desperdiçar, investir, economizar, etc.

Esse tipo de metáfora, segundo os autores, são chamadas de metáforas estruturais, definindo-as como aquelas que envolvem mais de um domínio de conhecimento. Além dessas metáforas estruturais, apontam mais dois tipos de metáforas: a orientacional e a ontológica. As metáforas orientacionais levam em conta o espaço, como em cima, embaixo, à frente... e as ontológicas se relacionam com a nossa percepção corriqueira das coisas, como as quantidades, por exemplo. Uma e outra têm base em nossa experiência física e cultural.

Para demonstrar essa afirmação, vamos considerar a posição do nosso corpo, e perceber as metáforas que envolvem posições à esquerda e à direita, sendo “bom” para a direita e “ruim” para a esquerda. Desta forma, seremos capazes de analisar uma metáfora orientacional, como a que se segue no *Poema de Sete Faces* de Carlos Drummond de Andrade, quando diz o autor:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida. (Carlos Drummond de Andrade, 1964, p. 53)

A expressão francesa ‘gauche’ se traduz em língua portuguesa como ‘esquerdo’. Sendo destra a maioria da população no Brasil, infere-se que o lado esquerdo tende a ser

o lado mais fraco, o lado menos usado. *O fato de o autor dizer: anjo torto e Vai, Carlos! ser gauche* evoca a nossa capacidade de orientação entre reto e torto, entre direito e esquerdo, cuja metáfora pode ser interpretada como a decadência da vida do indivíduo.

Além das metáforas orientacionais, Lakoff e Johnson (2003) acrescentam as metáforas ontológicas das quais participam nossas experiências com objetos físicos, ou seja, estão envolvidas as maneiras de visualizar eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias. Com base na definição dos autores, apresentamos alguns exemplos corriqueiros no Brasil:

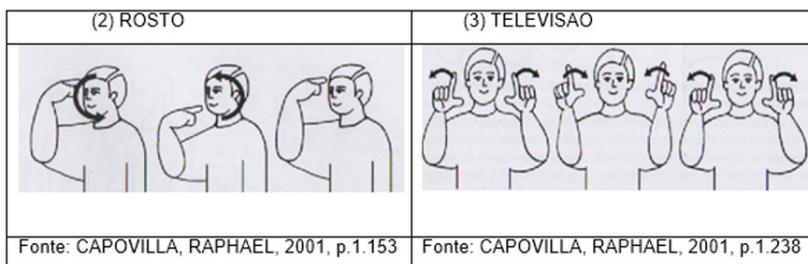
- a) Estou cheio de fome.
- b) Fiquei com tanta raiva.
- c) Sua energia está muito pesada.

Perceba nesses exemplos que os termos *fome, raiva e energia* foram quantificados. Com essas metáforas ontológicas, igualamos as nossas experiências a entidades ou substâncias, por isso tendemos a categorizá-las, agrupá-las ou quantificá-las. Como nosso estudo se volta para as metáforas em Libras, demonstraremos que metáforas estruturais, ontológicas ou orientacionais são também correntes nessa língua.

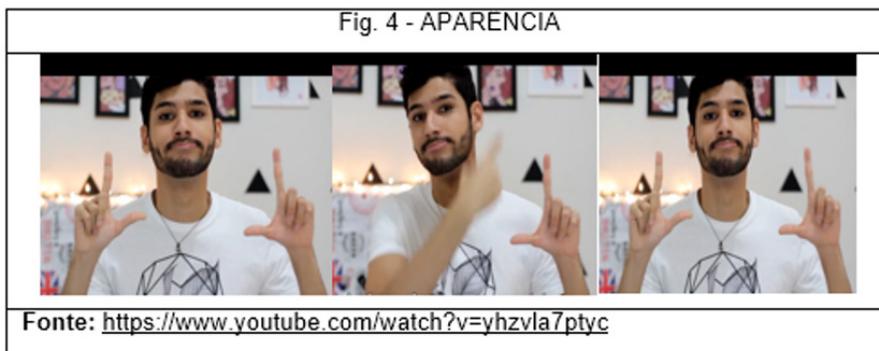
3- METÁFORAS EM LIBRAS

Segundo Silva Júnior (2018) é comum vermos as pessoas dizendo que a Libras não tem metáforas, pois elas são impossíveis nas línguas de sinais. Nosso objetivo então é contribuir demonstrando que as metáforas não são privilégio das línguas orais, mas fazem parte de uma dinâmica entre mente e cultura presente em qualquer língua.

Como já tratamos de três tipos de metáforas na seção anterior, vamos agora exemplificá-las em Libras, começando com a metáfora estrutural, assim chamada por envolver mais de um domínio de conhecimento, usando o sinal referente à *aparência* dentro do seguinte contexto: “... *alguns surdos se relacionam (namoram) com os ouvintes por uma mera questão de aparência*”. Essa oração consta de um vídeo encontrado no Youtube, uma plataforma de compartilhamento de vídeos. O sinal para ‘aparência’ foi feito com a conjugação do sinal de ‘rosto + televisão’.



Para dizer 'aparência' há um enquadramento (fig. 3) feito na região do rosto com ambas as mãos, depois um movimento circular realizado em frente ao rosto (fig 2), terminando novamente no enquadramento que está relacionado à televisão, meio que procura, de forma geral, mostrar a beleza. Nela as pessoas e as coisas não são mostradas necessariamente como são, pois, no contexto de TV, a imagem é veiculada para ser apreciada, como mostra a figura a seguir.



O sinal ilustrado na figura 4 está sendo realizado pelo *Youtuber* Léo Viturinno que se apresenta como professor universitário, surdo, usuário de Libras e oralizado. Em uma de suas postagens cujo título é *Surdo não pode namorar ouvinte!* ele usa o sinal de 'aparência', cujo sentido está ligado à dissimulação. Desta forma, o domínio captado pela visão e o domínio captado pelos sentimentos se entrelaçam para construir essa metáfora estrutural.

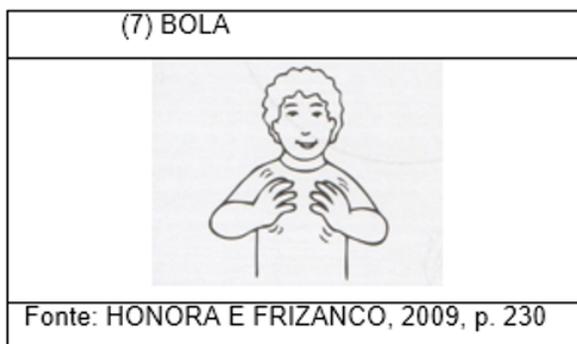
Já as metáforas orientacionais são exemplificadas em Libras a partir da interpretação que se dá ao movimento impresso no sinal. Se para cima, a decodificação é de algo positivo, se para baixo, o sentido será negativo.

(5) MELHOR	(6) PIOR
Fonte: CAPOVILLA E RAPHAEL, 2001, p. 886	Fonte: CAPOVILLA E RAPHAEL, 2001, p. 1048

Na figura 5 o sentido positivo é transmitido pelo movimento ascendente do sinal. Por outro lado, no sinal ilustrado pela figura 6, o sentido negativo é expresso pela direção que o sinal assume, ou seja, os sinais que carregam o sentido negativo costumam ser realizados na direção para baixo. Em sentido espacial, (orientação) há no Brasil um

traço cultural que identifica como positivas as palavras com ideias ou com movimentos ascendentes. Essa prática nos leva a assumir que a positividade inerente ao conceito provoca expressões ascendentes, ao passo que a negatividade nos remete para a direção descendente.

No que diz respeito às metáforas ontológicas, os melhores exemplos estão entre os sinais icônicos, pois cognitivamente evocam significados. Martelotta (2018, p. 72.) afirma que *“a iconicidade fundamenta-se na ideia de uma motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos”*. O autor afirma ainda que iconicidade encerra em si uma natureza imagística. O sinal icônico ‘bola’, por exemplo, é construído com ambas as mãos em forma de C, com os dedos afastados, uma de frente para a outra, reproduzindo o formato de uma bola.



Na figura 7 se registra a ideia de algo esférico, pois a nossa experiência percebe a bola neste formato, sendo por isso ‘bola’ um vocábulo icônico. Por isso, nesse sentido, afirmamos que os sinais icônicos se definem como metáforas ontológicas da vida cotidiana dos brasileiros entre os quais estão os surdos que se comunicam por meio da Libras. Segundo Martelotta (2018)

[...] observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, o princípio da iconicidade tornou-se fundamental para a observação e interpretação da relação entre forma e função e para a concepção da gramática das línguas. Sendo assim, a iconicidade não se manifesta apenas na relação entre a forma e o sentido das palavras, mas também na estrutura da frase ou mesmo do texto. (MARTELOTTA, 2018, P. 81.)

Parafraseando o autor, não só iconicidade, mas também as metáforas podem ser observadas na estrutura da frase ou mesmo do texto, o que torna a Libras e as línguas de sinais, de maneira geral, um campo fecundo para se pesquisar o tema, pois línguas visoespaciais são eivadas de metáforas por serem visuais e, conseqüentemente, exigirem conexões mentais que justifiquem dar orientação a um sinal, ou remetê-lo às mais diversas

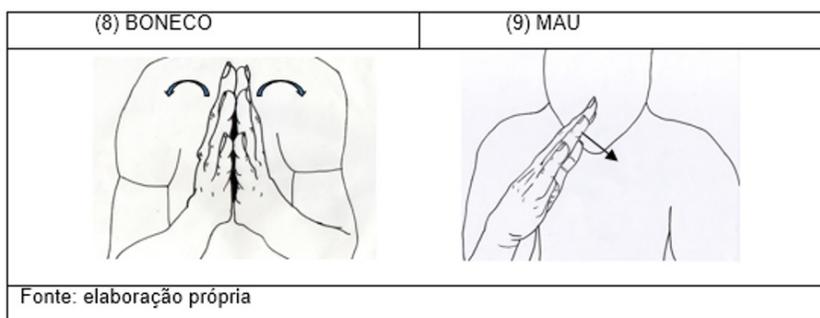
áreas de conhecimento seja corporal, social ou cultural. Essas conexões mentais que as línguas visuais reivindicam impactam diretamente em sua gramática, como veremos a seguir.

4- O CARÁTER GRAMATICAL DAS METÁFORAS NA LIBRAS

As metáforas influem diretamente no número de termos que compõem os predicados em Libras, pois, sendo esta uma língua visual, muitos conceitos podem estar agregados a um único sinal. Assim, vamos analisar alguns aspectos gramaticais, como os predicados, e de que forma as metáforas os influenciam. Adotamos a definição de predicado proposta por Gonçalves *et al* (2007). Para os autores há dois tipos de predicado: o lexical e o gramatical.

O predicado ser lexical identifica categorias prototípicas cujas propriedades fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades, enquanto o predicado ser gramatical identifica categorias prototípicas, cujas propriedades cuidam de organizar, no discurso, elementos de conteúdo por ligarem palavras, orações e partes do texto, marcando estratégias interativas na codificação de noções como tempo, aspecto, modo, modalidade, etc.(GONÇALVES e tal. 2007 p. 17)

No que diz respeito ao predicado lexical, escolhemos aquele que em Libras indica um estado. Pedimos aos colaboradores de nossa pesquisa que sinalizassem a oração ilustrada abaixo. Para resguardar as suas identidades, transformamos a imagem da sinalização em desenhos.

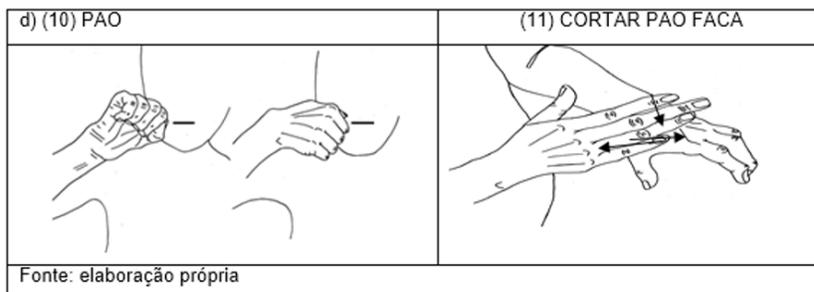


A figura 9 se encontra no âmbito das metáforas orientacionais, uma vez que a direção do sinal é para baixo, como afirmam Lakoff e Johnson (2003). Os autores entendem que o sentido negativo assume a orientação para baixo e o positivo a orientação para cima. O sinal referente a *mau* (fig. 9) marca a característica negativa com um movimento descendente, como demonstra a seta. Além disso, a junção das figuras 8 e 9 são traduzidas para a língua portuguesa como 'o boneco é mau', mas, em virtude de

a língua usar o canal visual, o verbo de ligação ou verbo copulativo é – usado na língua portuguesa, se faz desnecessário em Libras. Uma das hipóteses para a ausência da cópula seria o fato de a Libras marcar o tempo verbal sintaticamente, isto é, existe um item lexical para referenciar o passado e o futuro, diferentemente da língua portuguesa que o faz morfológicamente (é, era, foi). Caso não haja referência sintática de passado ou futuro, infere-se que o enunciado se encontra em tempo presente. Disso derivamos outra hipótese: o imediatismo visual que a língua oferece, ou seja, como a língua não precisa marcar morfológicamente o tempo, a presença de um verbo cuja função seja ligar os termos seria redundante, uma vez que ela os liga visualmente.

Quanto aos predicados gramaticais, apresentamos a mesma sentença em três línguas orais distintas, a saber, a língua portuguesa, a inglesa e a alemã respectivamente, e depois em Libras. Assim, vejamos:

- a) O pão é cortado com a faca.
- b) *The bread is cut with the knife.*
- c) *Das Brot wird gerade mit dem Messer geschnitten*



Primeiramente consideramos a figura 11 uma metáfora ontológica, pois nela vemos a nossa experiência diária ao usarmos uma faca. A mão direita fica aberta, com os dedos unidos, desenhando uma trajetória descendente, introduzindo iconicamente a ideia de um objeto cortante, cujo movimento preconiza o verbo, o que faz com que a Libras necessite de apenas 1 termo para expressar o predicado, enquanto a língua portuguesa (a) e a inglesa (b) o compõem com 5 termos, e a alemã com 6, como demonstrado em (c). Além disso, há ainda uma economia linguística que se apresenta na medida em que os articuladores estão jungidos, fazendo com que a transmissão e apreensão da mensagem seja realizada de maneira mais rápida.

No que diz respeito à sintaxe, comparando as figuras 10 e 11, percebe-se uma alteração da configuração de mão, cujo objetivo é acomodar sintaticamente o termo ‘pão’, pois o verbo ‘cortar’ tem valência dois, para o qual se apresentam como argumentos o pão e a faca. Nas línguas orais, a ordem canônica se dá colocando o verbo entre os argumentos,

diferentemente da Libras que os realiza simultânea e iconicamente, como se vê na figura 11. Entendendo que a iconicidade é também uma metáfora, toda a sentença é metafórica na medida em que os sinais nos remetem à situação real. Essa é a característica que faz com que as línguas de sinais se diferenciem das orais. Enquanto estas organizam seus termos sequencialmente, ou seja, um termo após o outro, as línguas de sinais os sobrepõem, isto é, organiza-os simultaneamente. Isso justifica a dificuldade de se determinar a ordem canônica das línguas de sinais como afirmam Quadros e Karnopp (2007): *“A língua de sinais brasileira apresenta certa flexibilidade na ordem das palavras. Portanto, determinar a sua ordem canônica não é trivial.”* (QUADROS e KARNOPP, 2007. p. 135)

Estando os termos sintáticos sobrepostos, resta-nos ainda observar o viés semântico. Perceba que mentalmente a mão esquerda em forma de C, presente na figura 11, se refere a um pão, a partir de uma retomada anafórica indicada previamente na figura 10. Quanto ao objeto cortante, o entendimento se dá pelo movimento impresso na configuração de mão, levando-nos a entender que é ele quem corta o pão.

Resumidamente, das metáforas em Libras decorre que:

- a) O movimento que sugere o verbo fica atrelado ao sujeito, uma vez que é o responsável por realizar a ação.
- b) A configuração de mão sofre mudanças para possibilitar a organização sintática.
- c) A iconicidade permite a sobreposição dos termos, que redundam numa interpretação semântica, como se estivéssemos diante de um quadro.
- d) Há simultaneidade de ocorrência dos termos.
- e) Vários termos podem ser usados ao mesmo tempo, o que gera economia linguística, e conseqüente celeridade quanto à transmissão e apreensão da mensagem.

Metáforas em Libras ocorrem em virtude de, em primeiro lugar, os principais utentes possuírem funções cerebrais em perfeito funcionamento, como criatividade e capacidade de fazer associações entre domínios diferentes de conhecimento. Em segundo lugar, porque estão imersos em uma determinada cultura que lhes norteia a visão de mundo. Ao mesmo tempo, corroborando com estudos sobre a complexidade da língua de sinais (Ferreira 1995; Quadros e Karnopp 2007; Cuxac 2001), as metáforas revelam aspectos gramaticais como alguns desses que foram abordados neste estudo.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua de sinais está para os surdos assim como a língua oral está para os não-surdos. Desta forma, as línguas visoespaciais constroem sentenças denominadas

metáforas, sendo estas uma das formas mais complexas de quaisquer línguas, pois envolvem mais de um domínio de conhecimento.

Além disso, as línguas de sinais transcendem os termos lexicais e constroem sentenças, períodos, textos, sobrepondo-os, retomando-os, apoiando-se na cultura em que estão inseridas, o que justifica, por exemplo, no Brasil, o sinal referente à sexta-feira fazer alusão ao peixe. Isso se deve à influência histórico-jesuítica, cuja figura central é Jesus Cristo. Culturalmente este alimento é consumido em respeito a seu sacrifício que, de acordo com a história, ocorreu numa sexta-feira. Essa metáfora criada entre o sacrifício de Cristo e o dia em que ele ocorre, associado ao alimento é uma entre tantas que fascinam muitos pesquisadores.

Cultura e língua em Libras, quando se misturam a fim de criar metáforas, trazem consigo aspectos gramaticais possíveis somente nas línguas visoespaciais como simultaneidade e sobreposição de termos que impactam na sintaxe, na morfologia e na semântica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

BOERS, F. **Applied Linguistics Perspectives on Cross-Cultural Variation in Conceptual Metaphor**, *Metaphor and Symbol*, 18: 4, 231-238, DOI: 10.1207 / S15327868MS1804_1, 2003.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, Vol. I e II. São Paulo: Edusp, 2001

CUXAC, Christian. **Les Langues des signes: une perspective sémiogénétique**. Paris. Aile, 2001.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge U. Press, 2000.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. R.J.: Tempo Brasileiro, 1995.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C. S. **Tratado geral sobre gramaticalização**. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; GONÇALVES, S. C. L. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HONORA, M.; FRIZANCO M. L. E. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Cetras, 2003.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

OSWALT, W. H. **Life Cycles and lifeways: introduction to cultural anthropology**. Califórnia: Mayfield, 1986.

PONTEROTTO, D. **Metaphors we can learn by**. *Forum*, v. 32, n.3, p.2-7, 1994.

QUADROS, Ronice Müller. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artemed, 2007.

SILVA J.; D. R. C. **Metáfora em Libras**: um estudo de léxico. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado em linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of Human Cognition**. Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1999.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**